

Revista Plan

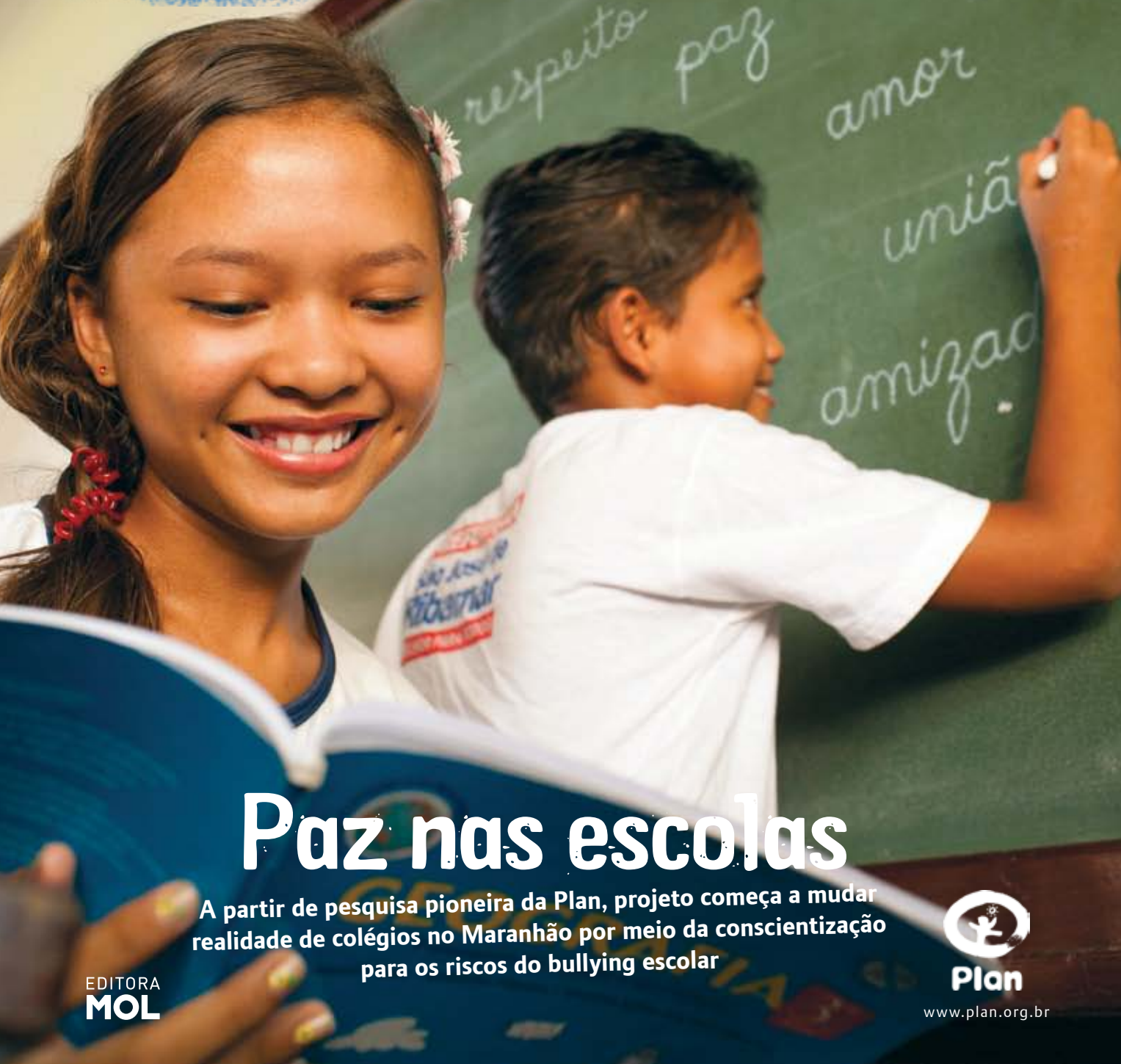
EDIÇÃO #5
JULHO DE 2010

comunidade

Ação integrada
beneficia crianças

jovens

Uso seguro da tecnologia
é tema de projeto



Paz nas escolas

A partir de pesquisa pioneira da Plan, projeto começa a mudar realidade de colégios no Maranhão por meio da conscientização para os riscos do bullying escolar

EDITORA
MOL



www.plan.org.br



Plan Brasil

Diretor Nacional: *Moacyr Bittencourt*
Gerente de Programas: *Gualberto Aldana*
Gerente de Finanças (interino): *Oben Oliva*
Gerente de Recursos Humanos: *Suzy Veruschka*
Gerente de Construção de Relacionamentos e Mobilização de Recursos: *Alexandre Lima*
Coordenadora de Comunicação: *Selma Rosa*

Escritório Nacional

Avenida Colares Moreira, 2, sala 1102-A, cobertura do edifício Planta Tower, Renascença, São Luís/MA, CEP 65075-441
Tel.: 98 3235-6576 / 3235-6580 / 3235-6840
www.plan.org.br

EDITORA MOL

Diretor Executivo: *Rodrigo Pipponzi*
Diretora Editorial: *Roberta Faria*
Diretora de Arte: *Claudia Inoue*

Revista Plan

Coordenação: *Amanda Rahra e Selma Rosa*
Atendimento editorial: *Laura Sobennes*
Edição e reportagem: *Mauricio Monteiro Filho*
Revisão de texto: *Eduardo Toaldo*
Design: *Danielle Bidoia, Paula Bittar e Rafael Taraia*
Estagiários de arte: *Karine Tressler e Luana de Almeida*
Produção: *Claudine Luz e equipes da Plan*
Fotos: *Márcio Vasconcelos e Léo Caldas*
Foto de capa: *Márcio Vasconcelos*
Tratamento de imagens: *Felipe Gressler*
Impressão: *Type Brasil*
Papel: *Reciclato 150 gr. (capa) e Reciclato 120 gr. (miolo)*
Tiragem: 3 mil cópias

PLAN

Aprender em paz

Toda criança tem direito à educação. A Plan promove esse direito. Aprender Sem Medo é uma campanha global da entidade que busca garantir um ambiente saudável e seguro para que as crianças adquiram as competências necessárias para a construção de sua capacidade crítica. A segurança nas escolas do Brasil deixa a desejar, a infraestrutura é deficiente e a qualidade do ensino levanta dúvidas entre os que participam da comunidade escolar.

A garantia da segurança pública é dever do Estado. Dar fim à violência nas escolas cabe a todos os que estudam, ensinam e administram o ensino. Cabe também aos pais de alunos e a todos os que querem um mundo em que as crianças possam atingir seu pleno

potencial. A resposta ao bullying exige uma reflexão de toda a comunidade escolar, para identificar as formas de enfrentar o problema e agregar valor ao convívio das crianças na escola.

Essa crítica impõe a necessidade de melhoria do ambiente escolar. A Convenção dos Direitos da Criança da ONU define como compromisso dos Estados signatários o acesso generalizado à educação e a um ambiente seguro para sua prática. O Estatuto da Criança e do Adolescente, no Brasil, ratifica a posição. A Plan contribui para o debate, mostrando ao país a realidade. Da mesma forma, busca realizar ações de conscientização sobre o tema e influenciar políticas públicas que garantam a segurança nas escolas.

Moacyr Bittencourt

Diretor Nacional da Plan Brasil

Quem somos

A Plan nasceu em 1937 para dar suporte a crianças afetadas pela Guerra Civil Espanhola. Hoje é uma das maiores ONGs internacionais de desenvolvimento, trabalhando com 1,5 milhão de crianças. Está presente em 66 países.

Como trabalhamos

A Plan aposta no desenvolvimento autônomo das comunidades em que atua. O enfoque principal é nos direitos das crianças e dos adolescentes, considerados protagonistas desse processo.

Visão

A visão da Plan é a de um mundo onde todas as crianças realizem seu pleno potencial, em sociedades que respeitem os direitos e a dignidade das pessoas.

Missão

A Plan trabalha para conseguir melhorias duradouras na qualidade de vida das crianças menos favorecidas de países em via de desenvolvimento. Para isso, baseia-se em processos que unam pessoas de diversas culturas e acrescentem significado e valor a suas vidas.

A Plan no Brasil

No Brasil desde 1997, a Plan está presente no Maranhão – nas regiões de São Luís e Codó – e em Pernambuco – em Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes. Os projetos da organização atendem mais de 75 mil crianças.

Mobilização de recursos

Sua participação é fundamental para manter nosso trabalho. Você pode contribuir de várias formas: doando, prestando serviços ou divulgando nossos projetos. Entre em contato!

NOTAS



ASM na ONU

A campanha Aprender Sem Medo (ASM) foi apresentada em abril num evento da Organização das Nações Unidas realizado em Salvador, Bahia. Moacyr Bittencourt, diretor nacional da Plan, expôs os resultados da campanha em todos os países em que ela ocorre. E os números são expressivos. No Equador e Nicarágua, mudanças na legislação foram estimuladas pela ASM, beneficiando 5,5 milhões de crianças. Além disso, governos de 30 nações já convidaram a Plan para atuar em parceria no combate à violência nas escolas.

Pelo fim do sub-registro

Até um quinto dos nascidos vivos em Pernambuco fica sem certidão. Para melhorar essas estatísticas, a Plan doou, no último dia 5 de maio, 20 computadores e 20 impressoras multifuncionais a cartórios em Recife, Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho, todos municípios de Pernambuco. A ideia é que essa iniciativa facilite o acesso da população ao registro civil de nascimento. Essa ação faz parte de uma série de estratégias para erradicar o sub-registro no estado.



Encontro encerra Letramento e Alfabetização

Um encontro de professores marcou o encerramento das atividades do projeto Letramento e Alfabetização no dia 17 de abril deste ano. Ao longo de seus dois anos de atividades, a iniciativa da Plan, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Luís, capacitou 135 professores, 32 agentes de leitura e 35 gestores em técnicas de leitura, contação de histórias e jogos matemáticos. Além disso, revitalizou espaços de leitura nas escolas e equipou unidades de ensino com materiais que estimulam a leitura e o exercício de outras linguagens.



Agentes de leitura certificados

No último dia 28 de maio, os contadores de histórias formados pelo projeto Letramento e Alfabetização literalmente voaram num tapete mágico. A dinâmica fez parte de um encontro promovido pela Plan para estimular a avaliação dos participantes sobre as atividades, agora que estão finalizadas as capacitações. Estiveram presentes agentes de leitura formados nas comunidades de Cajupari, Vila Samara, Coqueiro, Tajaçuaba, Itaperá, Cajueiro, Jacamim e Mata de Itaperá. Ao final do evento, todos os presentes receberam certificados.



DIREITOS

ESCOLAS livres de violência

Maus-tratos nos colégios são realidade em todas as regiões do país, segundo pesquisa inédita da Plan. No Maranhão, a organização está mobilizando alunos, famílias e escolas para alterar essa situação

Janete Gonçalves tem 15 anos de idade e nenhuma trava na língua. “Tenho carreira de brigona. Em vez de prestar atenção na aula, encarnava com todo mundo”, revela.

Com essa mesma naturalidade, durante uma palestra organizada pela Plan na escola onde Janete cursa a 8ª série do ensino fundamental, a garota começou a contar as encrencas em que vinha se envolvendo com bastante frequência com vários colegas.

Na época, ela não sabia muita coisa sobre o tema do encontro, uma palavrinha difícil, mas que está ficando cada



Maura Luza demorou para acreditar que o bullying ocorria em sua escola. Hoje, é uma das mais engajadas no combate

transformar os DIREITOS das crianças
em AÇÕES CONCRETAS
nas COMUNIDADES



dia mais comum nos corredores das escolas, salas de professores e mesas de reunião de gestores de educação pelo Brasil afora: o bullying.

À medida que ia relatando seu cotidiano, Janete foi percebendo aos poucos que o conceito dizia total respeito à sua vida escolar. E começou a se ver ao mesmo tempo como agressora e agredida. “Todos nós somos vítimas. Sou baixinha, então sempre me chamam de nanica, anã, pinguim de geladeira. Assim como chamo uma colega loirinha, de quem não gosto, de burra e gaseificada”, confessa a adolescente.

Mesmo recém-apresentada à definição de bullying, Janete pode ser considerada uma especialista. Tanto quanto a grande maioria dos estudantes de norte a sul do país. É o que se deduz de uma ampla pesquisa elaborada pela Plan, intitulada “Bullying escolar no Brasil” e publicada em abril de 2010. Foi o primeiro estudo a abordar a temática em âmbito nacional. E os resultados diagnosticam que o problema está fortemente presente no espaço escolar.

Foram ouvidos 5.168 alunos de 5ª a 8ª séries de 25 escolas espalhadas pelas cinco regiões brasileiras. A maioria deles

– 4.073 – frequentava a escola pública. Segundo o critério da pesquisa, foram considerados vítimas de bullying aqueles que sofreram maus-tratos pelo menos três vezes durante o ano de 2009, quando foram coletados os dados.

De acordo com Tarcísio Silva, assessor nacional de pesquisa e avaliação da Plan, a pesquisa é reflexo de uma ação integrada da entidade nos 66 países em que está presente. A diretriz para todas essas nações é o desenvolvimento de uma campanha relativa à educação. Para isso, foram identificados três eixos principais: castigos corporais, abuso se-



DIREITOS



bullying é quando ocorrem
maus-tratos repetidos
contra a mesma vítima,
sem que haja motivos

5.168 alunos
de todas as regiões do país
responderam à pesquisa

Foram questionados
estudantes de
5ª a 8ª séries
do ensino fundamental

A busca por **popularidade**
é a mais lembrada entre as razões
para **maus-tratos**

xual e bullying. Cada país teve autonomia para investigar a área de seu interesse, e o Brasil optou pelo último.

“Confrontando alguns estudos lançados anteriormente, observamos que o bullying, apesar de recorrente, não era tratado de forma séria”, opina Tarcísio. Para ele, havia uma tendência geral de subestimar o impacto dos maus-tratos repetidos. Mas, diante dos números consolidados pela Plan, fica impossível relevar o problema. Da amostra colhida, mais de 70% dos pesquisados relatam ter testemunhado alguma forma de violência na escola. Mais especificamente, 17% estiveram diretamente envolvidos em incidentes de bullying – seja como vítima, seja como agressor, ou como ambos ao mesmo tempo (*confira mais estatísticas da pesquisa no destaque*). “Se levarmos em conta o público espectador dessas situações, esses índices aumentam muito. As pessoas ficam inco-

modadas com bullying mesmo que não tenha sido com elas”, completa Tarcísio.

Mas a Plan não se limitou ao diagnóstico. Os dados são o ponto de partida para um projeto piloto recém-lançado no Maranhão. O Educar para a Paz, que durará um ano, foi implantado em oito escolas do estado – duas em cada um dos municípios de São Luís, São José do Ribamar, Codó e Timbiras. Num primeiro momento, toda a rede municipal de ensino foi capacitada para identificar e lidar com o bullying. Depois, foram incluídos pais e alunos na discussão.

O foco do trabalho são os estudantes de 5ª a 8ª séries. Segundo Creuziane Barros, assistente técnica de programas da Plan, 132 professores serão mobilizados, atingindo diretamente pelo menos 3 mil alunos. E a ideia é que as escolas participantes atuarão como multiplicadoras, replicando os saberes para as imediações e para outros colégios.

“Para que os alunos busquem auxílio, um sistema de denúncia foi disponibilizado”, conta Cléo Fante, especialista em bullying e consultora da Plan no projeto. Caixinhas onde podem ser relatados anonimamente casos de maus-tratos estão em locais reservados das escolas. Elas são checadadas uma vez por semana e são adotadas medidas, de acordo com o caso. “Algumas escolas questionaram a inclusão no projeto. Mas, ao longo das palestras, foram percebendo o quanto a violência fazia parte do cotidiano”, conta Creuziane. Foi o caso da escola onde Maura Luza Coelho leciona artes e ética em São José de Ribamar, na comunidade de Bom Jardim. “Achava que não tínhamos casos de maus-tratos. Mas percebi que era uma violência velada. É preciso um olhar diferenciado para percebê-la”, diz. Hoje Maura é uma das mais engajadas no combate ao problema. ●

1/5 dos
alunos presencia
atos de **violência**
dentro da escola com uma
frequência muito alta



17% dos **entrevistados**
foram envolvidos com **bullying**

17% também é a **porcentagem**
de vítimas de maus-tratos pela **internet**

6,78% das agressões
ocorrem porque a vítima é
“**diferente**” do **agressor**

A região **Sudeste** lidera na
incidência de **maus-tratos** } **39%**

10% dos jovens **NUNCA**
se sentem seguros na escola

Lusa contra o bullying



A Portuguesa de Desportos, time paulistano de futebol, apoia a campanha Aprender Sem Medo. “Também lidamos com crianças. E o esporte tem forte apelo com o torcedor”, explica Daniel Vilas Boas, assistente de marketing da Lusa. Por isso, o time desenvolverá oficinas sobre o tema com professores, pais e alunos das escolas oficiais da equipe e com atletas

e treinadores das categorias de base.

Paralelamente, a Lusa cedeu espaço publicitário para a Plan dentro e fora de seu estádio, o Canindé. Produzirá também um vídeo dos jogadores apoiando a causa. Mas o auge da tabelinha ocorrerá numa partida, ainda indefinida, do Campeonato Brasileiro da série B. A Portuguesa entrará em campo vestindo a camiseta da campanha, num jogo com transmissão para todo o país. “Usaremos o apelo de mídia que a Portuguesa tem, para que mais pessoas saibam que providências tomar caso seus filhos sofram violência nas escolas”, completa Vilas Boas.

Além disso, a Plan – cuja logomarca está no site da Portuguesa – será tema de uma matéria na próxima edição da revista oficial da equipe.

COMUNIDADE



Tear da primeira infância

*Privilegiando olhar integral sobre a primeira fase da vida da criança,
Plan estimula ações conjugadas de saúde, educação e assistência social*



Utilização do kit da família brasileira fortalecida vem facilitando trabalho com mães e gestantes e garantindo o desenvolvimento integral das crianças de zero a 6 anos



O projeto Tecendo a Infância da Plan está transformando todo mundo em mãe em Jaboatão dos Guararapes (PE). Lá, os olhos de professores, agentes comunitários de saúde e assistentes sociais, entre muitos outros, estão todos voltados para as crianças de zero a 6 anos.

Todo esse cuidado tem explicação. Apesar de ter reduzido em mais de 60% suas taxas de mortalidade infantil entre 1970 e 2010, o Brasil continua com números bem piores que os países desenvolvidos. E os índices mais alarmantes desse problema estão justamente nas regiões Norte e Nordeste.

Para reverter esses dados, a Plan, em parceria com a associação Tempo de Crescer (TCER) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, na sigla em inglês), está desenvolvendo uma ação pioneira que vem mudando a forma com que o município encara as crianças dessa faixa etária. “Temos a missão de reduzir a mortalidade infantil”, afirma Zuleica Leitão, coordenadora de educação infantil da Secretaria Municipal de Educação.

O trabalho começa antes mesmo de os bebês nascerem, com uma atenção especial à gestação. Nesse momento, entra em cena o “kit da família brasileira fortalecida”. Trata-se de uma publicação, criada pelo Unicef, em parceria com diversas entidades. O kit é dividido em cinco álbuns, que esclarecem temas importantes desse período da vida da criança, com diversas ilustrações bem coloridas e informações descomplicadas.

A enfermeira Astrid Pereira concorda. “Precisamos de acesso a materiais que tenham linguagem mais popular”, diz ela. Com esse recurso, o trabalho dos enfermeiros, que têm maior interface com o público, sai fortalecido.

Apesar de enfatizar assuntos relativos à saúde, a publicação também aborda

questões de educação e de direitos. “O kit fala no direito da criança à escola. Trabalhamos a competência das famílias para garantir esse direito”, explica Zuleica.

Na essência, a ação da Plan, em conjunto com os parceiros, é fornecer a capacitação no uso desse kit para que os profissionais das secretarias de Saúde, Educação e Assistência Social do município a repliquem entre seus quadros. Entre outubro e novembro de 2009, essas primeiras formações foram voltadas a gestores. Posteriormente, até junho, ocorreu a chamada reedição, em que esses profissionais replicaram os saberes com os funcionários de ponta, como professores e agentes comunitários de saúde. A meta do projeto é, até o início de 2011, data do fim das ações de campo, atingir 1.400 funcionários das três secretarias.

Em paralelo, a partir de agosto deste ano, ocorrerão seminários transversais sobre temas diversos, correlatos ao projeto. “Queremos oferecer uma oportunidade de discussão técnica, para que os profissionais não trabalhem apenas de forma mecânica”, afirma Neilza Costa, gerente da unidade de programas da Plan em Cabo de Santo Agostinho (PE).

Intersectorialidade é o grande diferencial do projeto Tecendo a Infância, que vem alterando a forma com que Jaboatão dos Guararapes lida com crianças e suas famílias

Mas o pioneirismo do projeto não está em usar o kit. Segundo Tânia Mossi, da TCER, ele já vem sendo utilizado em vários outros municípios brasileiros. O grande diferencial do Tecendo a Infância é o que os especialistas chamam de intersectorialidade. A lógica parte do princípio de que, especialmente nessa faixa etária das crianças, não faz sentido isolar educação de saúde ou de assistência social. Por isso, os profissionais envolvidos no Tecendo a Infância vêm desenvolvendo atividades integradas, que conjugam os esforços das três secretarias. Na prática, isso facilitou bastante a rotina de mães e principalmente das gestantes. Antes, elas eram obrigadas a buscar acompanhamento no Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e pré-natal no posto de saúde. “É o mesmo usuário no posto de saúde, na escola e no Cras. *[Frequentar todos eles]* Satura o tempo da família.” Hoje, elas podem realizar ambos em um só local.

É essa a ideia do Tecendo a Infância. “Temos tido retornos muito positivos. Mudou o papel dos agentes de saúde, que, hoje, exercem seu verdadeiro papel. Esse é nosso grande objetivo: chegar à família”, analisa Tânia. ●



JOVENS

Werbeth (de boné e óculos, no centro) já toma as precauções básicas na hora de navegar na internet

Tecnologia segura

Iniciativa da Plan promove reflexão sobre uso de tecnologias para comunicação entre jovens. Foco principal é combater abuso sexual

O computador de Wellen Pereira, 18 anos, ficava em seu quarto. Mas, depois que ela participou de um módulo do projeto Tecnologias de Informação e Comunicação: Conhecendo e Combatendo a Violência Sexual (TIC) da Plan, ele foi parar na sala de sua casa.

O objetivo da família da garota foi acompanhar mais de perto o uso que a jovem fazia do computador. Esse é um dos mandamentos do projeto TIC. Não por policiamento, mas sim proteção. “Minha mãe fica de olho. Agradeço à Plan por isso. Pensamos que usar a internet é simples, mas pode ser perigoso”, diz ela, que cursa o terceiro ano do ensino médio na comunidade de Argola e Tambor, periferia de São Luís (MA).

Segundo Bianka Marques, assistente do projeto, o foco principal dos módulos

é o combate à violência sexual. Por meio dos chamados círculos de direitos, ela provoca os meninos e meninas a refletirem sobre a tecnologia. E a perceber de que maneira celulares e jogos online também podem trazer ameaças.

Além desse acompanhamento dos pais, de acordo com Bianka, as ações mais importantes contra os abusos são tomar cuidado com divulgação de fotos na rede e evitar acesso a sites impróprios para a idade do usuário.

Iniciado oficialmente em março de 2010, o projeto está em fase de planejamento, em que reside o seu diferencial. Quem decidirá as melhores ações para conscientizar as comunidades sobre o assunto serão os próprios jovens. “Já houve propostas de peças de teatro, caminhadas pela comunidade, panfletagem...”, enu-



mera Bianka. É dessa forma que o projeto TIC chegará às 20 comunidades envolvidas, atingindo cerca de 6 mil crianças, entre as cidades de São Luís, São José de Ribamar, Codó, Timbiras e Peritoró, todas elas no Maranhão.

Se todos seguirem o exemplo de Werbeth Júnior, 17 anos, da comunidade de Janaína, também em São Luís, essa conscientização será fácil. Ele navega na internet para fazer pesquisas escolares e também usa bastante as redes sociais e o MSN. Mas com toda precaução. “Há muita gente em busca de abuso contra crianças e adolescentes. Por isso, excluo os e-mails de qualquer estranho”, explica. ●

Vitória de goleada

Projeto bem-sucedido de futebol feminino chega a mais cidades, gerando expectativa nas meninas



Para Janete, seja na zaga, seja no ataque, o importante é estar em campo. Ela é uma das inscritas para o projeto de futebol feminino

Janete Moreira considera sua carreira no futebol longa. “Estou há muito tempo nesse jogo. Minha mãe já pediu para eu não jogar, mas gosto muito”, conta a moradora da comunidade de Cidade Olímpica, em São Luís (MA). Ela, que está com 17 anos, pratica o esporte há três meses.

Talvez considere o período longo por ter aprendido tanto com o jogo, mesmo no que diz respeito à escola. “Mudei muito. Só tiro notas boas, estou mais interessada”, diz. Agora,

ela aguarda ansiosamente que possa participar do projeto de futebol feminino conduzido pela Plan. A iniciativa estreará na capital do estado e arredores, depois de ter sido muito bem-sucedida na cidade de Codó (MA).

Essa nova etapa foi iniciada durante o seminário “Um gol pela educação”, realizado em São Luís no último dia 7 de maio. Agora, além de reiniciar em Codó, o projeto mobilizará equipes em São Luís, São José de Ribamar, Timbiras e Peritoró, todas no

Maranhão. De acordo com Celia Bonilha, gerente da Unidade de Programas São Luís, na capital maranhense, a meta é atingir 800 meninas de 9 a 17 anos durante os próximos dois anos. Serão dez equipes por cidade, compostas de garotas como Janete.

“Trabalhamos o esporte como meio de educação, visando à equidade de gênero”, explica Celia. Essa é também a visão da secretária de Esportes e Juventude de São Luís, parceira do projeto. “O esporte é transformador. É um instrumento de saúde, de valores e princípios”, avalia João Batista Matos, secretário municipal adjunto do órgão. ●

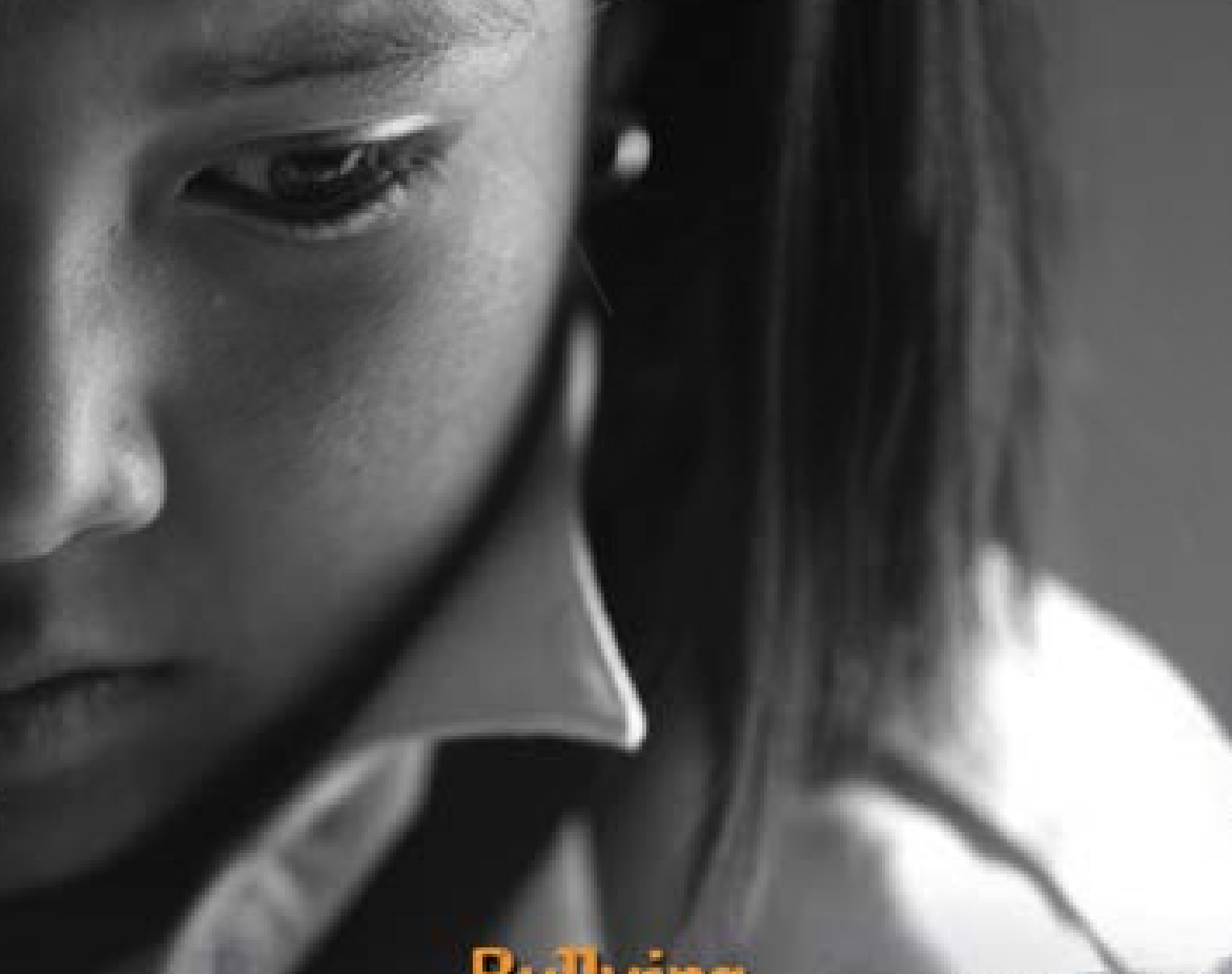
Campeonato encerra primeira fase em Codó

Enquanto Codó já mobilizava novas equipes para o segundo momento do projeto de futebol feminino, um grande campeonato com as dez equipes da cidade foi realizado para encerrar a primeira fase da iniciativa.

A grande final aconteceu no estádio da cidade em março deste ano, e o time da comunidade de Santo Antônio se sagrou campeão.

Depois de dois anos e meio, o projeto só colheu bons frutos. “Para algumas meninas, as oficinas melhoraram o ambiente familiar. Para outras, o futebol as resgatou do envolvimento com atividades negativas”, afirma Maria da Piedade, promotora comunitária da Plan em Codó, que acompanhou todas as ações do projeto na cidade.





Bullying. Isto não é uma brincadeira.

Combater a violência nas escolas é o primeiro passo para garantir uma educação de qualidade em um ambiente seguro. Afinal, o **bullying** atinge hoje quase 1 milhão de crianças em todo o mundo, causando graves danos ao aprendizado e provocando feridas que podem levar longos anos para cicatrizar.

Por isso, a **sua participação é fundamental**. Juntos, podemos garantir que muitas crianças possam ir à escola sem medo ou ameaça de violência.

Participe. Divulgue essa ideia. www.plan.org.br



**Aprender
sem medo.**